

GN Estância da Estrela

Dona Maria Rita Lemes dos Santos e seu Izidoro Domiciano dos Santos moravam à beira da estrada, no lugar conhecido como Lagoa dos Batistas, interior de Nonoai. Enquanto erguiam uma pequena casa de madeira, ainda sem filhos, isso por volta de 1890, passou por ali um homem que se apresentava como profeta João Maria. Tratava-se de uma figura afeita à pregação religiosa, que perambulava pelo sul do Brasil, a realizar curas e milagres, dentro do contexto de messianismo, tão comum àquele tempo e àquela circunstância histórica. Sentado sobre uma pedra -- que ainda permanece no mesmo local -- o místico mirou o jovem casal e fez uma profecia: "Esta casa servirá a filhos e netos". Acertou. O local, até hoje, pertence à família de dona Maria Rita e de seu Izidoro.

Nascido em 1916, Moisés Lemes dos Santos, filho deles, passou praticamente a vida inteira na Lagoa dos Batistas e quando residiu fora dali não o foi à distância que superasse duas léguas. Morreu em 2006, quando, então, a propriedade passou a ser administrada pelos seus herdeiros, os netos a que havia se referido o profeta João Maria.

Na definição de hoje, a família em que seu Moisés nasceu seria de agricultores familiares. A terra era pouca e infértil. Ele cresceu, portanto, em meio a dificuldades, que compartilhou com os muitos irmãos. A mãe morreu em idade avançada, mas seu Izidoro partiu prematuramente. Seu Moisés criou-se, assim, "meu guachinho", como costumava dizer.

A esposa do seu Moisés, Leonor Almeida dos Santos, a dona Negra, falecida em 1987 e com quem ele havia se casado em 1942, herdou campos do pai, o português João Antônio de Almeida, e também de sua família materna. Essas propriedades foram vendidas e, entre uma paragem e outra, seu Moisés acabaria retornando à Lagoa dos Batistas, desta vez na companhia de dona Negra, dos dois filhos naturais e dos adotivos e dos peões da estância -- dentre eles, Abrelino Rodrigues Barbosa, que mais tarde se tornaria outra lenda da história de Nonoai.

Era 1959. Paulo Lemes dos Santos havia emigrado para o Mato Grosso. Antes de partir, vendeu sua morada ao irmão Moisés, que, na sequência, adquiriu partes dos demais irmãos e de terceiros. Nascia aí a Estância da Estrela, simbolizada pela marca -- uma meia-lua em flor -- que, ininterruptamente, passou a queimar o pelo de centenas de bois, muarês e cavalos, postos ao chão, a cada primavera, pela força do pealo bolqueado.



Nos campos da Estância da Estrela, onde inicialmente pastou gado antigo – caracu, franqueiro, barrosã – foi introduzido o zebu. O boi branco passou, então, a predominar, ao lado dos muares, estes uma espécie de paixão, misturada com uma poesia, que nasce e renasce do andar marchado da mula.

Ainda adolescente, seu Moisés havia se disposto a uma aventura. Era pela frente de sua casa, verão após verão, que passavam as tropas de muares, a caminho da Feira de Sorocaba. Muitos tropeiros pernoitavam. Em determinado dia, o guri animou-se a se entereverar numa dessas tropeadas. De coração partido, a mãe permitiu que viajasse. Era março. Havia completado doze anos no ano anterior e o pai havia morrido pouco antes disso. Final do verão. Período impróprio. Risco de enfrentar baixas temperaturas nos Campos Gerais do Paraná. Mas o rapazinho ignorou essas adversidades. Justou-se, como se dizia naquele tempo, com o tropeiro Vergílio Lopes, de Itapetininga, e partiu rumo ao norte, como geograficamente se concebia tudo aquilo que estivesse ao horizonte do Rio Grande do Sul, para quem o contemplasse olhando em direção ao Porto Goio-ên. Mais de dois meses depois – o seu Moisés sempre contou isto aos netos, com muita serenidade – chegaram à Itapetininga. O dono da tropa puxava a égua madrinha. O cincerro de bronze tilintava. O gurizinho, que havia recebido olhar crítico dos demais peões, quando compôs a comitiva em Nonoai, tocava, agora, sozinho, mais de oitocentos animais. Todos os demais haviam sido demitidos pelo seu Vergílio ou haviam abandonado a empreitada. O velho tropeiro costurou um dinheiro por dentro da roupa do menino, deu-lhe uma bola de sebo, para engraxar as botas, embarcou-lhe nos trens da Sorocabana, segunda classe, e, ao se despedir dele, fez-lhe portador de uma carta, em cujo texto consignou: "Dona Maria Rita, o rigor do inverno e as muitas enchentes, como a do rio Iguaçu, quase nos fizeram sucumbir. Perdemos muitos animais. Houve demissões e debandadas. Somente um peão se manteve ao meu lado: Moisés Lemes dos Santos, seu filho. Sempre dê ânimo a este menino. Nunca o desacorçoe do que quer que deseje fazer".

A mãe tomou o conselho como um mantra. A forma de viver de Moisés Lemes dos Santos – no oito ou no oitenta – haveria de caracteriza-lo pelo resto da vida, inclusive nos últimos minutos dela. Também concorreu para transforma-lo em mito local, personagem – quase obrigatório – dos causos contados nos acampamentos do Vinte de Setembro, que o CTG Sentinela do Pampa organiza todos os anos em Nonoai. Mas foi dentro de sua casa, em meio a outros lares nonoaienses, que lições de tradicionalismo foram ofertadas e que hoje se veem retratadas em cada prenda ou peão que atira a armada no boi, que gineteia ou paleteia, que dança na invernada artística, que declama Jayme Caetano Braun e Aparício Silva Rillo, que entoa

Teixeirinha, Gildo de Freitas e José Mendes, que segue, enfim, o ideário traçado por Luiz Carlos Barbosa Lessa, Glauco Saraiva e Paixão Côrtes.

A história da Estância da Estrela, nem por isso, a faz diferente ou melhor. Não. O que aconteceu ali, à beira do fogo de chão de madrugadas geladas, é recorrente a muitas propriedades rurais do Rio Grande do Sul, independentemente de estarem na serra, na campanha, no planalto, nas missões ou no norte do estado. O diferencial, talvez, seja que na Estância da Estrela não apenas se cultivou – mas se viveu em sua plenitude – de janeiro a janeiro, o mais puro ensinamento do tradicionalismo gaúcho, que se opõe, como uma corajosa resistência, ao império do modernismo consumista.

Por tais predicados – afinal, tão simples, mas tão nobres – algumas pessoas de Nonoai, a maioria muito jovem, toma a iniciativa de homenagear a Estância da Estrela, que passa, então, a emprestar seu nome ao grupo nativo que resolvem criar. É certo que tal gesto os coloca na perspectiva de manter guardados – e selados – nas brucacas de couro cru, o mais genuíno valor que cada gaúcho cultiva em seu coração: o respeito e a devoção pela honrosa tradição gaúcha.

